UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/17810

DOI: 10.21709/casa.v16i1.17810

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2023 by Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

O *BOOKTUBE* NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES: ANÁLISE DE DUAS VÍDEO-RESENHAS SOBRE O ROMANCE A *VEGETARIANA*

BOOKTUBE IN THE PROCESS OF READERS FORMATION: ANALYSIS OF TWO LITERARY VIDEO-REVIEWS ON THE ROMANCE *THE VEGETARIAN*

Giulia Yumi Tonhi HASHIMOTO[1]
Dayane CELESTINO-DE-ALMEIDA[2]

Resumo: O universo de vídeo-resenhas literárias na plataforma YouTube é conhecido como *booktube*, e os influenciadores digitais que as apresentam como *booktubers*. Eles têm sido importantes propulsores da leitura e da formação de leitores nos últimos anos. A pesquisa que deu origem a este trabalho teve como objetivo analisar duas vídeo-resenhas literárias sobre o romance coreano *A Vegetariana*, de Han Kang, disponíveis nos canais "Ler antes de morrer", de Isabella Lubrano, e "Tiny Little Things", de Tatiana Feltrin. Empregando o percurso gerativo do sentido, advindo da metodologia da semiótica francesa (GREIMAS; COURTÉS, 1979), analisou-se a forma como a obra é resumida nessas resenhas, procurando depreender quais elementos do romance as influenciadoras escolheram apresentar e qual é o papel desses elementos no sentido global de cada resenha. Além disso, foi feita uma comparação entre os vídeos, a fim de verificar quais são as estratégias de convencimento empregadas por cada *booktuber*, que procuram conferir ao enunciatário um "querer-ler" ou um "não-querer-ler" a obra em questão.

Palavras-chave: Semiótica francesa. *Booktube*. Formação de leitores. Vídeo-resenhas. *A Vegetariana*.

1 Graduanda em Letras – Português, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. E-mail: hashimoto.giu@gmail.com

2 Professora do Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. E-mail: almeidad@unicamp.br

DOI: http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i1.17810

Abstract: The universe of literary video-reviews on the YouTube platform is known as BookTube and the digital influencers that present them, as "booktubers". They have been important drivers of reading and readers formation in recent years. The research, which originated this paper, aimed to analyze two literary video-reviews on the Korean novel *The Vegetarian*, by Han Kang, available on the channels "Ler antes de morrer", by Isabella Lubrano, and "Tiny Little Things", by Tatiana Feltrin. Using the generative process, derived from the methodology of French semiotics (GREIMAS; COURTÉS, 1979), this work has analyzed the way the chosen book was summarized in these video-reviews, trying to understand which elements of the novel the influencers present and what is the role of such elements in the global sense of each review. In addition, the video-reviews were compared to verify which are the persuasion strategies employed by each "booktuber", who seek to give the enunciatee a "want-to-read" or a "not-want-to-read" the novel.

Keywords: French semiotics. BookTube. Readers Formation. Video-reviews. The Vegetarian.

1 Introdução

A pesquisa que originou este trabalho teve como objeto a análise semiótica do livro *A Vegetariana*, de Han Kang (2018), e de duas vídeo-resenhas literárias produzidas sobre essa obra no YouTube pelos canais "Ler antes de morrer" e "Tiny Little Things". O primeiro é um canal iniciado e sustentado por Isabella Lubrano, formada em Direito pela Universidade Estadual de São Paulo (USP) e em Jornalismo pela Cásper Líbero. Já o segundo, cujo conteúdo também é destinado à literatura brasileira e estrangeira, foi um dos primeiros canais literários criados no Brasil e sua criadora, Tatiana Feltrin, é formada em Letras – tradução e interpretação, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e, além das atividades no YouTube, também é professora de inglês.

Tais produtoras de conteúdos e as vídeo-resenhas inserem-se na comunidade virtual denominada *booktube*, que é "formada por usuários do YouTube que atuam gerando conteúdo na plataforma, adotando-a para divulgar e discutir livros" (SOUZA, 2018, p. 22). As pessoas produtoras desses conteúdos são frequentemente chamadas de *booktubers*. De acordo com Costa (2019, p. 55), "nessa comunidade, não há critérios para a idade, no entanto, o público predominante é o juvenil".

Assim como em resenhas escritas, as vídeo-resenhas são condensadas e claramente avaliativas. Elas também são elaboradas de modo a instaurar no enunciatário um "querer-ler" ou um "querer-não-ler" determinada obra. Se as resenhas são condensadas, cabe perguntar: "que elementos da obra literária a resenha escolhe ter em seu foco?". Por elementos, refere-se à organização narrativo-discursiva do texto. Dessa forma, o objetivo da análise aqui apresentada foi, num primeiro momento, depreender quais conteúdos do romance cada resenhista escolheu para enfatizar. Para isso, foi necessário analisar não só os vídeos, mas também o romance como um todo. Cabe dizer que, na comparação entre resenha e livro, esta análise debruçou-se com mais afinco sobre dois pontos:

a) Considerando que o romance apresenta vários temas, todos eles são mencionados pelas resenhistas? E, se não são todos, quais? Quais as implicações dessas escolhas na construção do sentido da vídeo-resenha?; e b) Questões de foco narrativo, organização temporal e espacial, delegação de vozes a personagens, etc. que fazem parte de um projeto enunciativo da obra são "capturadas" pelas resenhas?

Outros aspectos também são verificados, por exemplo, quais percursos narrativos são transpostos para as resenhas. Num segundo momento, a análise voltou-se às estratégias empregadas pelas *booktubers* para convencer os enunciatários de que a obra deve ser lida ou não.

O norte teórico-metodológico deste trabalho foi a semiótica francesa (GREIMAS; COURTÉS, 1979), mais precisamente, o percurso gerativo do sentido (a análise ora apresentada concentra-se apenas do plano do conteúdo). Não está no escopo deste trabalho empreender uma explicação detalhada sobre o que seria este percurso e sobre suas categorias de análise (para tanto, remetemos o leitor a, por exemplo, Fiorin (2021); Barros (2003, 2005); e Greimas e Courtés (1979)), mas uma brevíssima introdução, apenas para situar um possível leitor menos acostumado à teoria semiótica, é feita na terceira seção.

Ainda no que diz respeito à metodologia, cabem algumas palavras sobre a escolha e a preparação do *corpus*, bem como sobre os métodos de análise. O principal critério para a escolha do romance *A Vegetariana*, de Han Kang, foi o fato de aparecerem nele temas relevantes para o cenário atual, tais como autoritarismo e violência contra mulher. Trata-se de uma obra que tematiza tanto o sexismo quanto o especismo, ilustrando a violência existente em diferentes âmbitos. As resenhas escolhidas foram publicadas nos canais "Tiny Little Things" e "Ler antes de morrer", em 20 e 22 de fevereiro de 2019, respectivamente. Após seleção das vídeo-resenhas, elas foram transcritas. A partir daí, buscou-se aliar o método hipotético-dedutivo e o método empírico-indutivo da seguinte maneira: num primeiro momento, fez-se a leitura do romance escolhido, intercalada com pesquisa bibliográfica que envolveu estudo e leitura dos principais textos (livros, revistas especializadas, dissertações e teses) a respeito da teoria semiótica do texto, principalmente daqueles voltados ao estudo de textos literários, para construir uma base teórica para as análises. Assim, o método nessa fase foi o hipotético-dedutivo, isto é, partindo dos princípios e conceitos em direção aos objetos de estudo. O segundo momento foi o das análises propriamente ditas, tanto do livro quanto das resenhas. Aqui, o ponto de partida foram as vídeo-resenhas e o romance, para só então se retornar aos conceitos teóricos, sendo, então, um método empírico-indutivo. Vale ressaltar, contudo, que esses métodos foram intercalados ou combinados sempre que isso se mostrou adequado para a compreensão dos textos.

A próxima seção apresenta em mais detalhes o universo *booktube*, e a seguinte apresenta, finalmente, a análise semiótica e discute os seus resultados.

Cabe ressaltar ainda que uma das motivações para este trabalho é a recorrente afirmação de que canais literários poderiam auxiliar ou substituir aulas de literatura. Esta análise demonstra que o apoio às aulas pode ser possível e que a capacidade que os *booktubers* têm de gerar interesse nos leitores não deve ser descartada, mas que a substituição total das aulas de literatura, muito provavelmente, estaria longe de ser real.

2 O *Booktube*

A criação e a circulação de vídeo-resenhas de obras literárias é possível graças às mídias digitais, que trouxeram grandes mudanças para a sociedade contemporânea e impactaram diversos setores da vida cotidiana. Imersas no ciberespaço, as pessoas entraram em contato com novos meios de interagir e presenciaram o impacto das tecnologias na produção e na distribuição de informações. Com a convergência das mídias — que, para Jenkins (2009), refere-se ao fluxo de conteúdos que atravessa as diversas plataformas midiáticas, à cooperação entre os mercados de mídias e à postura do público que migra por todos os meios midiáticos em busca do entretenimento desejado — os limites entre fãs, consumidores e produtores dilui-se, sendo as pessoas convidadas a participar ativamente na construção de conteúdo. Para o autor,

> [...] a convergência representa uma mudança de paradigma — um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2009, p. 325).

A literatura é um desses campos que foram impactados pelas transformações tecnológicas. São várias as razões da importância desse bem cultural para a sociedade e para os indivíduos, mas Antonio Candido (1995, p. 182) dá destaque ao seu papel humanizador, uma vez que ela desenvolve no ser humano qualidades que se consideram cruciais, tais como:

> [...] o exercício da reflexão, a aquisição de saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Com a internet, tornou-se mais fácil pesquisar títulos de interesse, buscar indicações de livros, saber as novidades editoriais, entrar em contato com outras pessoas igualmente amantes de literatura, além de produzir conteúdo sobre ela. Nesse contexto, o YouTube desponta com grande protagonismo, pois, segundo Jenkins (2009), foi um marco importante para a circulação e distribuição de conteúdos alternativos, uma vez que

possibilitou que os limites entre fãs, consumidores e produtores fossem diluídos, sendo as pessoas convidadas a participar ativamente na construção de conteúdo.

O canal "Tiny Little Things" foi um dos primeiros canais literários a surgir no país, em 2007, sendo que atualmente conta com 557 mil inscritos. O canal "Ler antes de morrer", criado em 2014, conta com 595 mil inscritos. Tais números, que crescem constantemente, mostram a influência, a recepção e o alcance da comunidade *booktube*, que atua como importante meio de incentivo à leitura e de formação de leitores, com atividades e produções diversificadas,

> [...] conforme o estilo, a idade e a profissão do *booktuber*, pois compartilham experiências de leituras, indicam e fazem resenhas de livros, desenvolvem estratégias e hábitos de leitura, realizam projetos de leituras, clube do livro, metas de leitura, sorteios de livros, maratonas literárias com charadas, jogos interativos, entrevistas com autores ou pessoas do mercado editorial, desafios literários, cobertura de eventos literários, além de comentários de filmes, músicas, notícias relacionadas ao universo literário, dentre outras atividades relevantes para essa comunidade. (COSTA, 2019, p. 57-58).

Nessa comunidade, o que importa não é tanto a fundamentação teórica da reflexão, com base na tradição da teoria e da crítica literária (apesar de muitos *booktubers* fazerem isso), mas o compartilhamento de ideias e impressões de leitura, aproximando as pessoas que também gostariam de conversar sobre determinado livro e, muitas vezes, não têm com quem o fazer. Consequentemente, "isso dá à comunidade uma informalidade necessária quando a intenção é aproximar leitores de perfis variados" (SOUZA, 2018, p. 38).

Por meio de *vlogs*, os *booktubers* resenham livros que leem e indicam leituras para os seus seguidores. As vídeo-resenhas possuem variações a depender da obra e do *booktuber,* mas é possível perceber certas características que se repetem. Via de regra, os vídeos contêm, geralmente no início, uma apresentação da obra resenhada e uma exposição do autor e de sua vida, apresentando algumas curiosidades, fatos de sua biografia e de sua produção literária. Há, igualmente, um resumo geral da história, que varia conforme a percepção de leitura do *booktuber*, o qual pode dar mais ou menos detalhes do livro, a fim de fazer o leitor interessar-se pelo enredo, mas também com o intuito de deixá-lo curioso sobre os acontecimentos. Entre as características variáveis, podem-se citar aqui a apresentação do contexto histórico da produção da obra, do país de que se origina e das referências que podem tê-la inspirado, bem como a leitura de alguns de seus trechos; tudo isso contribui para despertar a curiosidade no leitor. A exposição de leituras complementares para aprofundar o entendimento da obra também é uma escolha de alguns *booktubers*, os quais podem, da mesma forma, indicar outras produções midiáticas, como filmes e documentários, sobre o livro e sobre o autor.

3 Resultados e discussões

Como dito na Introdução, esta análise baseou-se no percurso gerativo do sentido (GREIMAS; COURTÉS, 1979), modelo proposto pela semiótica greimasiana, uma espécie de gramática que subjaz os diferentes tipos de texto. Cabem algumas palavras sobre este modelo, à guisa de uma brevíssima introdução (como também dito na Introdução, não está no escopo deste trabalho aprofundá-lo). O percurso gerativo do sentido organiza-se em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Desde o nível mais profundo até a manifestação textual, passa-se de estruturas mais simples e abstratas (pressupostas) para mais complexas e concretas (pressuponentes). O nível fundamental é o primeiro, o mais profundo e o que conta com menos elementos, no qual uma ou mais oposições semânticas organizam o sentido a partir do qual o texto constrói-se e que podem ser representadas na forma de um quadrado semiótico. No nível narrativo, o segundo, entram em cena sujeitos, manipulados por destinadores, que buscam objetos, nos quais estão investidos os valores presentes no nível fundamental. Ao estabelecer um contrato com o destinador-manipulador, o sujeito realiza uma ação para transformar seu estado de disjunção com um objeto em conjunção, ou vice-versa. Por fim, no nível discursivo, o mais concretizado, mais perto da superfície do texto, o sujeito da enunciação converte a narrativa em discurso, inserindo nela projeções de pessoa, tempo e espaço, disseminando também temas e figuras. Apesar de poderem ser analisados separadamente, os níveis são inter-relacionados.

Como esta pesquisa propôs-se a analisar tanto o romance *A Vegetariana*, de Han Kang, em relação ao conteúdo transposto, quanto as resenhas, comparativamente, os resultados serão apresentados em duas subseções.

3.1 O que passa e o que fica: transposição de conteúdos do romance para as vídeo-resenhas

Escrito em 2007 pela autora sul-coreana Han Kang, *A Vegetariana* conta a história de Yeonghye, uma mulher que, em virtude de sonhos violentos, envolvendo morte, sangue e carne, decide não ingerir mais esse alimento, em uma tentativa de parar com os pesadelos incessantes. A primeira parte é narrada pelo marido da protagonista, que conta ao leitor a desestabilização familiar gerada pela escolha de não comer carne. A segunda parte, narrada pelo cunhado de Yeonghye, ilustra a obsessão do personagem pela protagonista, envolvendo uma mancha mongólica que ela possui nas costas e que, geralmente, está presente em crianças, mas que desaparece na fase adulta. A terceira parte, narrada pela irmã de Yeonghye, chamada Inghye, mostra o agravamento do quadro psicológico da protagonista, que é internada em um hospital psiquiátrico por se recusar a ingerir qualquer alimento, e apresenta críticas ao modo como a sociedade lida com doenças mentais, ocasionadas, em grande medida, pela própria organização social.

Nesse sentido, os dramas gerados ao longo da trama são menos consequências do fato de Yeonghye não comer carne do que da mudança de comportamento da protagonista

em função disso. Vale lembrar que, segundo a acadêmica e ativista Carol J. Adams (2012, p. 70), a exploração dos animais e das mulheres é consequência do sistema patriarcal. Como salienta a autora, "[...] para a maioria das culturas a obtenção da carne era tarefa dos homens. A carne era um bem econômico valioso; quem controlava esse bem adquiria poder". Com isso, a carne torna-se um símbolo do patriarcado, pois se cria a crença de que "os homens precisam de carne, a carne da força taurina" (ADAMS, 2012, p. 61). Assim, segundo a autora, "as verduras, os legumes e outros alimentos que não a carne são considerados comida de mulher, e por isso os homens os repudiam" (ADAMS, 2012, p. 60), relegando à mulher o papel de preparadora da carne. Isso leva Adams a concluir que "retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura da cultura patriarcal mais ampla" (ADAMS, 2012, p. 73).

A narrativa principal de *A Vegetariana* está centrada em Yeonghye e em sua busca pela liberdade. Para a semiótica, a narrativa consiste em "mudança de estados operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos" (BARROS, 2005, p. 20). Sujeito e objeto não podem ser confundidos com pessoas ou coisas, pois são papéis actanciais, ou seja, papéis narrativos, que, em um nível mais superficial (discursivo), podem ser preenchidos por figuras do "mundo real". No caso, Yeonghye e liberdade são as discursivizações dos papéis actanciais de sujeito e objeto. Nessa jornada, o sujeito encontrará obstáculos, impostos por antissujeitos, que, como veremos mais a frente, serão discursivizados, entre outros, nos personagens da família de Yeonghye, por exemplo.

A semiótica postula a existência de um esquema narrativo canônico, que envolve quatro fases na busca do sujeito por um objeto de valor: a manipulação, a competência, a performance e a sanção (FIORIN, 2021). Na fase da manipulação, um destinador age sobre um destinatário para o levar a querer e/ou dever fazer algo (FIORIN, 2021). Na fase da competência, esse destinatário será um sujeito que estará sendo preparado para realizar a transformação central da narrativa, dotando-se de um saber e/ou poder fazer (FIORIN, 2021). A performance, que também pode ser chamada de ação, é a fase em que ocorre a principal transformação da narrativa, ou seja, a mudança de um estado para outro (FIORIN, 2021). A última fase do esquema narrativo canônico é a sanção, e "nela ocorre a constatação de que a *performance* se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios e castigos" (FIORIN, 2021, p. 31). Apesar de todas as fases serem obrigatórias para constituir uma narrativa completa, nem sempre elas estão presentes nos textos, encontrando-se pressupostas ou inexistentes. "Além disso, as narrativas realizadas não contêm uma única sequência canônica, mas um conjunto delas. Essas sequências podem encaixar-se umas nas outras ou suceder-se" (FIORIN, 2021, p. 33).

Iniciando a análise no nível narrativo do romance, mas já fazendo pontes com o nível discursivo, faz-se necessário destacar que a cada personagem subjaz uma sequência narrativa. Porém, será foco desta análise apenas a personagem principal (Yeonghye) e os narradores/observadores de cada parte (Jung, "cunhado" e Inghye).

Na história, o vegetarianismo não é o objeto-valor final do sujeito actorializado no nível discursivo como Yeonghye, mas é por meio dele que ela espera obter a competência para acabar com os pesadelos e se ver livre da violência inerente à animalidade, que ela própria possui enquanto ser-humano. Por meio da negação da carne e de sua animalidade, Yeonghye pretende colocar um fim no ciclo de violências que marcam sua vida. Assim, na sequência principal, Yeonghye busca a liberdade, tendo sua família e marido como principais antissujeitos. Como destacam Bittencourt e Santos (2017, p. 145):

> Ao assumir-se como vegetariana, ela se opõe ao sistema cultural estruturado e hierarquizado da Coreia do Sul, desencadeando uma série de eventos que se configuram em tentativas de barrar a ação de ruptura de Yeonghye, para que assim seja imposta a lei da família ou a lei patriarcal, sob o argumento de "tentar salvá-la".

Existe também uma sequência canônica que se encaixa nessa, em que Yeonghye deseja parar de comer carne, que é pressuposta e anterior ao início do romance, uma vez que este se inicia com a protagonista já em conjunção com o vegetarianismo. A sequência principal termina em disjunção com a liberdade. No entanto, Yeonghye começa uma nova, motivada pela disjunção anterior, em que busca a conjunção com a morte. Com isso, ela passa a buscar a destruição da sua materialidade para retirar as marcas da violência impressas em seu corpo (BITTENCOURT; SANTOS, 2017). A performance desse programa é sua morte por inanição, quando se recusa a ingerir qualquer alimento e se transforma em uma "árvore". Por meio da conjunção com a morte, Yeonghye pode entrar em conjunção com a liberdade. Conforme Bittencourt e Santos (2017, p. 146):

> Yeonghye começa uma busca pela transformação de seu corpo orgânico – humano/animal em direção à construção de um corpo orgânico vegetal, o que pode ser visto mais claramente no último capítulo intitulado "Árvores-flamas". Ou seja, para transformar o seu corpo humano, ela deve incendiá-lo, colocá-lo em processo de combustão... Portanto, o meio pelo qual Yeonghye transforma seu corpo é a anorexia, através da recusa de todo e qualquer alimento.

Por outro lado, quando a protagonista entra em conjunção com o vegetarianismo, seu marido, Jeong, é expropriado de sua vida matrimonial confortável, já que Yeonghye preparava-lhe pratos com carnes que considerava deliciosos e lhe fazia todas as vontades, inclusive as sexuais. Assim, em sua sequência principal, Jeong busca entrar novamente em conjunção com o objeto que lhe havia sido tirado. Para isso, precisa convencer sua esposa a voltar a comer carne, atuando como antissujeito da sequência principal de Yeonghye, que, por sua vez, é seu antissujeito. Assim, ele tenta iniciar uma nova sequência em que atua como destinador e tenta manipular a esposa. Para a semiótica, existem quatro tipos de manipulação. Fiorin (2021, p. 30) resume-os do seguinte modo:

> Quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa, dá-se uma tentação. Quando o manipulador o obriga a fazer por meio de ameaças, ocorre uma intimidação. Se o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado, há uma sedução. Se ele impele à ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado, sucede uma provocação.

Assim, o destinador-manipulador Jeong provoca e intimida Yeonghye, já que usa o emagrecimento do corpo dela como argumento para a convencer a comer carne, além de empregar violência sexual e convocar uma reunião com a família de Yeonghye. Porém, um contrato nunca é estabelecido. A sequência de Jeong termina em disjunção com a vida que possuía anteriormente e na fase da manipulação, visto que a protagonista não volta a ingerir carne. Assim, Jeong inaugura uma nova sequência em que busca a conjunção com o divórcio. Incapaz de ter sua vida matrimonial confortável, ele desiste de seu casamento.

Na sequência principal do cunhado de Yeonghye, o objeto buscado é o sexo com a protagonista, motivado por suas fantasias, que se iniciaram após tomar conhecimento da mancha mongólica que ela possui nas costas. Como esse tipo de mancha é normal em crianças pequenas, mas geralmente some na idade adulta, isso acaba despertando a obsessão do cunhado por Yeonghye. Os antissujeitos dessa sequência são a sociedade e a sua família, já que traição é algo visto como imoral. Para entrar em conjunção com seu objeto principal, o cunhado inicia uma sequência em que busca gravar um vídeo artístico com Yeonghye, fazendo sexo com seus corpos pintados com flores coloridas. No fim da parte intitulada "Mancha mongólica", o sujeito cunhado entra em conjunção com seu objeto, mas é flagrado por sua esposa, Inghye, irmã de Yeonghye, sendo privado dos objetos com os quais estava em conjunção — o casamento e sua vida confortável — já que era sua esposa quem lhe bancava financeiramente.

É importante destacar que ele não desempenha papel de adjuvante da protagonista, pois nunca tem como objeto ajudar Yeonghye em seu processo de busca pela liberdade, em se livrar da violência da sociedade patriarcal em que ela se encontra. Por outro lado, também não desempenha papel de antissujeito no programa principal de Yeonghye, uma vez que nunca tenta fazê-la ingerir carne. Sua relação com Yeonghye é uma relação de objetificação e, assim que satisfaz seu desejo, também se afasta da protagonista. Porém, a sequência que inaugura para atingir seu objetivo é muito importante para o rumo final que a narrativa toma. As pinturas de flores que ele faz no corpo da protagonista contribuem para que os pesadelos violentos que assombram Yeonghye cessem, algo que ela acreditava que iria acontecer caso entrasse em conjunção com o vegetarianismo. Assim, vendo que parar de ingerir carne não é o meio através do qual irá conseguir entrar em conjunção com a liberdade, Yeonghye inicia o novo programa em que deseja tornar-se uma planta, tal qual os desenhos em seu corpo, e para isso, para de ingerir qualquer alimento, negando sua materialidade animal.

Nesse momento, inicia-se o programa principal de Inghye, em que ela busca fazer que Yeonghye coma algum alimento, mas que termina em disjunção, já que Yeonghye não volta a comer e não melhora do quadro de anorexia. Nas sequências narrativas de Yeonghye, Inghye atua como antissujeito, já que a todo momento tenta oferecer-lhe comida, procurando convencer a irmã a ir na contramão daquilo que deseja. Atua, assim, também como destinadora, empreendendo uma manipulação por tentação, já que oferece objetos-valores que acredita que Yeonghye deseja (alimentos que a protagonista apreciava, especialmente quando comia carne), mas um contrato nunca é estabelecido.

Sobre os conteúdos do nível narrativo que são transpostos para as vídeo-resenhas, pode-se afirmar que, enquanto no vídeo da *booktuber* Lubrano (2019) o enfoque é o esquema narrativo de Yeonghye, naquele da *booktube* Feltrin (2019) apresentam-se também os esquemas narrativos de Jeong, do cunhado e de Inghye, apesar de figurarem de maneira incompleta. Feltrin (2019) comenta as três partes do livro, ao passo que Lubrano (2019) comenta apenas a primeira, falando sobre as partes dois e três de maneira bastante rápida, com enfoque nas ações da protagonista Yeonghye, ao invés dos personagens que detêm o ponto de vista da narração. Além disso, Lubrano (2019) passa a maior parte do vídeo explicando referências históricas e literárias para a compreensão da premissa da obra *A Vegetariana*, comentando sobre a colonização e exploração japonesa da Coreia e sobre o poeta Yi Sang, que inspirou a autora Han Kang. Do esquema narrativo de Jeong, Feltrin (2019) destaca a tentativa de fazer Yeonghye voltar a comer carne, envolvendo a família da protagonista, e do esquema narrativo do cunhado, destaca o interesse pela protagonista, o seu projeto artístico, a traição com Yeonghye e a descoberta do caso por Inghye. Da terceira parte, destaca o retorno da protagonista para uma instituição psiquiátrica, as visitas de Inghye à irmã internada e a relação que Inghye desenvolveu com Yeonghye em função desses acontecimentos todos, chegando a algo próximo de um laço fraternal.

Retornando à análise do romance, mas passando agora ao nível discursivo, a escolha pelo narrador personagem na primeira parte do livro mostra o poder masculino dentro do casamento e na confirmação da veracidade dos fatos, já que os demais personagens ficam de seu lado na história. Além disso, mesmo que o cunhado e Inghye detenham menos poder sobre Yeonghye que Jeong, ainda estão inseridos na sociedade e compartilham de seus valores, ao contrário de Yeonghye, o que justifica terem seus pontos de vista narrados, apesar de não em primeira pessoa. Sem deixar de citar que ele ainda é um homem e ela a irmã mais velha, dentro de um contexto social em que isso define uma hierarquia interpessoal. Apesar de ser a protagonista, ela nunca detém o poder de narrar a própria jornada; apenas em seus sonhos é possível escutar sua voz. Como lembram Bittencourt e Santos (2017, p. 145):

> A narrativa, composta por diferentes vozes, exibe a violência do silenciamento ao qual a personagem protagonista está submetida. Apesar de promover ações desestabilizadoras, ela não é, em momento algum, a voz onisciente que narra o

> processo de transformação de sua própria corporeidade, tampouco a da ruptura com a ordem da sociedade hierarquizada em que vive. Pelo contrário, resta apenas a Yeonghye uma ruptura realizada através de seus monólogos, que estão no primeiro capítulo, intitulado "A Vegetariana".

Tanto a vídeo-resenha de Lubrano (2019) quanto a de Feltrin (2019) destacam a debreagem de pessoa e mencionam a divisão do livro em três partes, cada uma sendo narrada a partir do ponto de vista de um personagem (Jeong, o cunhado e Inghye). Elas falam sobre a protagonista só ter voz na descrição de seus sonhos e em seus relatos de eventos passados, mas não diferenciam a narração em terceira pessoa na primeira parte ("A vegetariana") da narração em terceira pessoa nas outras duas ("A mancha mongólica" e "Árvore em chamas"), nem aprofundam os efeitos de sentido que os diferentes tipos de debreagem geram. No caso de Feltrin, no entanto, ela, afirma que se sentiu incomodada com a escolha dos pontos de vista:

> Então, o que mais me incomodou aqui nesse livro foi o fato de que a nossa visão, né, da coisa toda fica limitada pelos pontos de vista, né, dessas pessoas. Então, você tem o marido, você tem o cunhado, você tem a irmã. Ela mesmo só vai contar os sonhos para a gente. (FELTRIN, 2019).

Vejamos Lubrano (2019), que apenas cita os diferentes pontos de vista, sem uma avaliação sobre essa escolha enunciativa:

> Ele não é daqueles livros que vão para a frente e vão para trás no tempo. Não. Ele é bem linear. A diferença é que cada uma das três histórias é contada sob o ponto de vista de um personagem diferente. Então, o que realmente muda são as vozes narrativas. Uma hora é um personagem, outra hora é outro, mas a história vai seguindo toda uma sequência.

Quanto às categorias de tempo e espaço, elas também têm lugar na vídeo-resenha de Lubrano (2019), uma vez que a *booktube* salienta o fato de a história passar-se na Coreia e mencionar a questão de o tempo ser linear. Porém, não destaca que em alguns relatos da protagonista o tempo utilizado é o passado. Feltrin (2019), por sua vez, não destaca aspectos espaciais e temporais da história.

Voltando à análise do romance, ainda em relação à debreagem de pessoa, por conta de os eventos serem narrados a partir da perspectiva masculina, nas partes I e II, tem-se a diminuição do impacto das cenas de estupro. Na primeira parte, também intitulada "A vegetariana", Jeong descreve um episódio em que estupra a protagonista e, em "A mancha mongólica", o cunhado descreve uma cena em que estupra a esposa, Inghye, e outra em que estupra Yeonghye, enquanto gravam um vídeo artístico. Porém, como são eles que detêm o poder da narração, há apenas pistas que são possíveis de serem percebidas. A escolha por certas palavras que denotem o uso da força e a violação do corpo das mulheres, juntamente com a utilização de debreagem interna, inserindo entre

aspas as falas das personagens femininas, colaboram para que o leitor compreenda os acontecimentos da cena.

No nível discursivo, os trechos a seguir tematizam o **estupro** e a **violência sexual**:

> Chegava até sentir uma inesperada excitação ao tirar a calça dela, segurando seus braços que resistiam. Dizia-lhe obscenidades a meia-voz; ela resistia bravamente, mas a cada três tentativas eu conseguia penetrá-la ao menos uma vez. Durante a penetração, ela ficava olhando para o teto, em meio ao escuro, com uma expressão vazia, como se fosse uma escrava sexual em tempos de guerra. (KANG, 2018, p. 34).

> Na noite do dia em que visitou a cunhada, movido por impulso irresistível, ele procurou à força a esposa na cama. [...] Quando terminou, ela estava chorando, ele não sabia se pela excessiva violência com que tinha agido ou por outro tipo de sentimento que desconhecia.

> Virando as costas para ele, a mulher murmurou: "Estou com medo". Pelo menos foi o que pensou ter ouvido. (KANG, 2018, p. 79).

> Ele esperou que ela se acalmasse, que parasse de chorar, e fez deitar-se. Nos últimos minutos do sexo, ela rangeu os dentes, soltou gritos ásperos e agudos, resfolegou e pediu "chega" e começou a chorar novamente. (KANG, 2018, p. 109).

Outro tema também muito importante para a construção da história é o **machismo**, presente principalmente na primeira parte e que tem como principal figura as atitudes e falas de Jeong, marido de Yeonghye. É possível perceber isso em algumas frases inseridas por meio de debreagem interna:

> Você ficou louca? Por que não me acordou? Sabe que horas são...? (KANG, 2018, p. 14).

> Não tem nenhuma camiseta passada? (KANG, 2018, p. 15).

> Faça ao menos um ovo frito. Hoje estou exausto. Nem almocei direito. (KANG, 2018, p. 18).

> Como podia ser tão teimosa e ignorar completamente a opinião do marido? (KANG, 2018, p. 19).

> O que me incomodava mais era que ela não queria mais fazer sexo comigo. Antes, costumava aceitar sem reclamar quando eu tinha vontade. (KANG, 2018, p. 20-21).

> Por que seus lábios estão assim? Não se maquiou? (KANG, 2018, p. 23).
>
> Você precisa se comportar. (KANG, 2018, p. 24).
>
> Se não falar nada, será melhor. Os velhos gostam de mulheres caladas. (KANG, 2018, p. 25).

Apesar de algumas figuras, como "louca" na primeira frase acima, fazerem parte do tema da **loucura** (a isotopia da loucura se forma também por "loucura", "hospício", "clínica psiquiátrica", "confusão mental", "tentativa de suicídio", "sanidade", "hospital psiquiátrico", "distúrbio", "anorexia nervosa", "esquizofrenia", "demência", "enlouqueceu", "sanatório"), elas também fazem parte do tema do **machismo**, constituindo-se como um conector de isotopias. Isso porque, apesar de o tema estar presente, sobretudo, na parte final, narrada por Inghye, em que a protagonista está internada em um hospital psiquiátrico, esse tema também está presente nas descrições que Jeong faz de Yeonghye na parte I ("louca", "loucura", "maluca", "paranoia", "delírio", "neurastenia", "ala psiquiátrica").

Tendo em vista que em uma sociedade machista é recorrente chamar mulheres de loucas como forma de menosprezá-las, a figura "louca" serve como conector de isotopias, ligando os temas do machismo e da loucura. Em *História da Loucura*, Foucault (1997) aponta que pessoas que divergiam do comportamento social considerado adequado eram consideradas loucas, já que não se enquadravam no conceito de normalidade. Algo próximo acontece com Yeonghye, já que, ao parar de ingerir carne, ela vai contra os valores em circulação naquela sociedade. Como aponta Saraiva (2016, p. 103), "uma vez que naquela sociedade o consumo de carne é aceito e, portanto, naturalizado, o vegetarianismo de Yeonghye é tratado como uma anomalia e deliberadamente combatido pelos outros personagens". Além disso:

> A carne é um símbolo de *status* social e masculinidade. A recusa em consumi-la leva a um cenário no qual são expostas as profundas relações entre a masculinidade e a opressão às mulheres e animais. Em outras palavras, a recusa da carne é tida como uma afronta a um sistema ideológico que tanto oprime mulheres e animais. (SARAIVA, 2016, p. 98-99).

Além disso, merecem destaque os temas da **violência** e da **animalidade**, já que estão presentes na trajetória de Yeonghye por serem valores que ela renega. Em seus sonhos, a animalidade (que pode ser vista em "olhos ferozes", "uivo", "grito animalesco", "ruídos animalescos", "ferocidade", "animais selvagens") está diretamente ligada com a violência (como em "cadáver", "sangue", "imagens sangrentas", "crânio aberto", "assassinato", "surras", "bofetada", "matar", "machucar", "estrangular", "esganar", "cortar a cabeça"), como se pode observar em trechos como o seguinte: "Olhos ferozes de algum animal. Imagens sangrentas. Um crânio aberto de alguém e, de novo, os olhos ferozes de algum animal. Olhos que parecem ter nascido de minhas entranhas" (KANG, 2018, p. 36). A carne é uma figura associada à animalidade e à violência que Yeonghye quer se livrar, como é possível de se observar em alguns trechos de seus sonhos/relatos:

> Quando passo na frente de um açougue, tenho que tapar a boca com as mãos, por causa da saliva que brota a partir da raiz da língua, por causa da saliva que escorre pelo lábio. (KANG, 2018, p. 36).

> Minha mão também estava manchada de sangue porque eu tinha comido pedaços de carne que estavam caídos no chão daquele celeiro. Eu tinha esfregado sangue vermelho da carne crua e mole na gengiva e no céu da boca. (KANG, 2018, p. 17).

> [...] o cachorro que arrancou um naco da minha perna está amarrado a moto. Queimaram os pelos de sua cauda e os colocaram na ferida da minha panturrilha, com uma faixa de curativo por cima. [...]
> Meu pai disse que não vai pendurá-lo numa árvore para grelhá-lo, porque ouviu que cachorros que morrem correndo tem a carne mais macia. Meu pai dá a partida na moto e começa a correr com ela. O cachorro corre junto. Dá duas, três voltas pelo bairro, fazendo o mesmo caminho. [...]

> Na quinta volta, sai espuma da boca do cachorro. Sangue escorre por seu pescoço, amarrado na corda. Gemendo de dor, ele corre tentando não ser arrastado. Na sexta volta, vomita sangue. Sai sangue pela boca e pelo pescoço. Sangue misturado com bolhas de baba. [...]
> Naquela noite houve um banquete em nossa casa. (KANG, 2018, p. 44).

Na primeira parte do livro, há um embate entre os temas do **vegetarianismo** (como se pode ver pelas palavras e expressões presentes no texto: "estilo de vida vegetariano", "vegetariana", "vive só de vegetais", "vegetarianos", "não como carne", "monges", "monges budistas") e do **carnismo**[3] (por exemplo, com as figuras "carne bovina", "carne de porco", "barriga de porco", "pata de boi", "lulas", "enguia marinha", "anchovas", "carne bovina", "suína", "fatias de frango", "ostras", "caldo de cabra negra"). Associado ao tema do vegetarianismo, há ainda o tema do **budismo** ("monges", "monge em contemplação", "monges budistas", "retiro", "não causar danos a seres vivos", "iluminação", "votos de castidade", "um corpo totalmente livre de desejo", "um corpo do qual todos os excessos tinham sido eliminados"), desencadeado pela figura do monge. Na fala dos personagens que se opõem à decisão de Yeonghye, aparece o argumento de que apenas monges são capazes de abrir mão da carne, porque buscam a iluminação, atendo-se ao ideal de não fazer mal a nenhum ser vivo. Dentro de algumas vertentes budistas, o Nirvana é o estado de maior iluminação, em que o indivíduo liberta-se do sofrimento e dos obstáculos que estão em sua origem. Ao final do livro, no momento que Yeonghye transforma-se em árvore, é essa libertação que acontece. Tornando-se uma planta, a protagonista consegue livrar-se de seu sofrimento.

3 Entendido como um sistema de valores e crenças que condiciona os indivíduos a comerem certos animais, de acordo com o *site* carnism.org. Termo cunhado por Melanie Joy em 2001 e popularizado pelo seu livro *Why We Love Dogs, Eat Pigs, and Wear Cows* de 2010 (JOY, 2020 [2010]).

É central também o tema da **vegetalidade**, principalmente nas partes nomeadas como "A mancha mongólica" e "Árvore em chamas". No decorrer da narrativa, a temática converge para o próprio corpo de Yeonghye. A principal figura dessa temática é a mancha mongólica, que, para o cunhado da protagonista, "Era algo que remetia a tempos remotos, anteriores à evolução ou ao processo de fotossíntese. Ele percebeu que, inesperadamente, aquilo não tinha nada de erótico; estava mais para algo relativo ao vegetal" (KANG, 2018, p. 81). Porém, há uma série de figuras que retomam essa temática: "flores pintadas pelo corpo", "animal mutante que faz fotossíntese", "como se fosse uma das árvores de tronco grosso sob a chuva", "folhas começaram a nascer do meu corpo e raízes das mãos", "senti que uma flor ia nascer do meio das minhas pernas", etc. São passagens que fazem referência à Yeonghye, mostrando a transformação pela qual ela passa, abandonando sua animalidade para se tornar uma árvore. Tal escolha é recebida pela **incompreensão** ("ninguém me entende", "nem tentam me compreender", "eu não conseguia compreender", "eu teria compreendido aquilo, caso minha mulher detestasse comer carne desde o começo", "era sempre difícil adivinhar o que se passava no coração e na cabeça de Yeonghye", "superava de longe sua capacidade moral de compreensão") daqueles que a cercam.

Nos momentos finais dessa transformação, aparece ainda o tema da **inocência** nas descrições que Inghye faz da irmã (por exemplo, em "como se fosse uma criança", "aqueles olhos pareciam os de uma criança", "parece até que estou cuidando de um bebê", "sua irmã parece um bebê dormindo depois do banho", "penugem fina e suave que cresce em suas faces e nos braços, semelhante à dos bebês", "será que Yeonghye quer voltar a ser criança?") e o tema da **morte** ("morta", "morte", "morte por inanição" ,"e porque não posso morrer?", "ela está querendo morrer mesmo?", "você está morrendo"), já que a protagonista desenvolve anorexia nervosa, segundo os médicos.

Além dos temas já citados, pode-se destacar o tema da **sexualidade** (com, por exemplo, "copular", "pornografia", "corpo nu", "nua", "ereção", "seios", "nádegas", "gozo", "excitação", "ardor", "pernas meio abertas", "desejo", "impulso", "acasalamento"), presente na parte II, intitulada "Mancha mongólica", já que o objetivo do cunhado de Yeonghye é fazer sexo com a protagonista. Na terceira parte ("Árvore em chamas"), é possível identificar também o tema da **família** ("filho", "marido", "irmã", "pai", "mãe", "cunhado"), já que a personagem Inghye reflete sobre como sua família desfragmentou-se após a escolha da protagonista em parar de ingerir carne.

Voltando à questão da transposição de conteúdos, nem todos os temas passam do livro para as vídeo-resenhas, isto é, nem todos os temas são mencionados pelas resenhistas. A vídeo-resenha de Lubrano (2019) destaca os temas do **estupro/violência sexual**, da **loucura** ("sanatório", "maluquice", "maluca"), da **violência** ("apanhou de seu pai", "um pai violento", "passou por muitos episódios traumáticos de violência durante a infância", "infância abusiva", "esfaqueando pessoas", "jatos de sangue"), do **vegetarianismo** ("resolveu parar de comer carne", "vegetariana", "jogou fora todas as carnes congeladas"), da **vegetalidade** ("uma mulher que tenta resistir a violências se transformando em um

vegetal", "plantas", "plantinha") e da **incompreensão** ("esse marido e a família de Yeonghye mostram-se totalmente incapazes de entendê-la", "ele não entende o que a motivou fazer isso"). Há ainda o tema do **pacifismo** ("as plantas são o ser vivo mais inofensivo que existe", "elas não matam ninguém", "não foi a intenção da planta matar ninguém", "nunca é a intenção da planta matar ninguém", "natureza pacífica e, por que não, benfazeja, benigna das plantas") e da **impassibilidade** ("resignação dos vegetais", "conseguem se manter alienados do sofrimento em volta", "não sentem fisicamente dor", "conseguem se manter alienados do sofrimento em volta"), que, apesar de não estarem diretamente presentes no livro, podem ser compreendidos por meio dos temas do budismo e da inocência.

Por outro lado, a vídeo-resenha de Feltrin (2019) destaca o tema do **vegetarianismo** ("resolveu parar de comer carne", "vegetariana", "não vai mais preparar carne", "vegetais", "ela só está comendo vegetais"), da **vegetalidade** ("ela tem uma marca de nascença também que é no formato de uma folha", "ela vai se transformar numa planta"), da **sexualidade** ("sexo", "cenas de sexo", "interesse sexual", "questão sexual", "passa a ter um caso com a cunhada") e da **família** ("irmã", "sentimento de fraternidade", "família"). Já em relação às figuras centrais do romance, são transpostas para as vídeo-resenhas, no caso de Lubrano (2019), os sonhos violentos que a protagonista tem, a figura da carne e da planta e, no caso de Feltrin (2019), os sonhos, a mancha mongólica, as flores pintadas pelo corpo, o vídeo artístico feito pelo cunhado, a figura da carne, do sanatório e da planta.

No nível fundamental, esses temas apontam para categorias semânticas organizadas em uma oposição. Tal oposição dá sentido e organiza todo o texto. Além disso, como ressalta Fiorin (2021, p. 23), "cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ *versus* /disforia/". Assim, ao termo euforizado atribui-se um valor positivo, enquanto ao termo disforizado, um valor negativo. No romance analisado, encontraram-se isotopias temáticas que apontam para a oposição entre "liberdade e opressão" e a valorização (euforização) da liberdade, que é aquilo que a protagonista procura, ao passo que tenta livrar-se da opressão em que vive.

Dessa forma, os temas do vegetarianismo, da vegetalidade, da loucura e da morte apontam para a liberdade, enquanto o estupro, a animalidade, a violência, o machismo e o carnismo apontam para a opressão. Além disso, tem-se a presença da oposição "vida e morte", uma vez que, ao final da história, a protagonista busca a morte como meio de libertação. Assim, a morte é euforizada, ao passo que a vida é disforizada, já que comporta as violências das quais a protagonista deseja livrar-se.

Quanto à transposição de conteúdos referente ao nível fundamental, apesar das *booktubers* não pronunciarem as palavras "liberdade", "opressão", "vida" e "morte", pode-se perceber a maneira pela qual a euforização de um dos termos opostos foi transposta do romance para as vídeo-resenhas. No caso da /liberdade/ *versus* /opressão/, tanto Lubrano (2019) quanto Feltrin (2019) ressaltam que as atitudes do marido e da família

de Yeonghye são opressivas e violentas, mas a euforização da /morte/, em detrimento da /vida/, aparece de forma distinta. Enquanto Lubrano (2019), assim como o livro, valoriza a morte, tida como a transformação da protagonista em uma planta, como meio de libertação das violências existentes em sua vida, Feltrin (2019) contrapõe-se a essa valorização, por considerar a evisceração das personagens femininas um recurso narrativo desgastado: "essa questão de você ter que colocar a personagem feminina num liquidificador para '*make your point*', isso tem me cansado um pouco na literatura contemporânea. Para mim já deu" (FELTRIN, 2019).

Dessa forma, pode-se afirmar que as resenhas se aproximam mais ou menos do projeto enunciativo do romance, a depender do nível do percurso gerativo do sentido em questão. Com relação ao nível narrativo, a vídeo-resenha de Feltrin (2019) aproxima-se mais, tendo em vista que a *booktuber* apresenta também os esquemas narrativos dos personagens que detêm a perspectiva da narração, ao passo que Lubrano (2019) comenta apenas o esquema narrativo de Yeonghye. No nível discursivo, a vídeo-resenha de Lubrano (2019) retoma mais elementos do romance, pois aborda as debreagens de pessoa, tempo e espaço, enquanto Feltrin (2019) destaca apenas a de pessoa. Ainda, Lubrano (2019) retoma mais temas que Feltrin (2019), mais centrais na narrativa e que se encontram nas três partes do livro, enquanto o tema da sexualidade retomado por Feltrin (2019), por exemplo, está presente, principalmente e com centralidade, na segunda parte. No nível fundamental, ambas retomam os valores euforizados, mas Lubrano (2019) aproxima-se mais do projeto enunciativo do livro, já que está em consonância com a euforização da morte, configuração de que Feltrin (2019) discorda. Além disso, Lubrano (2019) dá destaque às inúmeras violências a que a protagonista é submetida e que tornam aquela sociedade opressiva, algo que, por sua vez, não fica tão evidente e nem toma tanto espaço de discussão na vídeo-resenha de Feltrin (2019), a qual apenas menciona uma cena que considerou violenta.

Quadro 1 — Conteúdos selecionados por cada *booktuber*

TEMAS	LIVRO	RESENHA LUBRANO	RESENHA FELTRIN
Animalidade	x		
Budismo	x		
Carnismo	x		
Estupro	x	x	
Família	x		x
Impassibilidade		x	
Incompreensão	x	x	
Inocência	x		
Loucura	x	x	
Machismo	x		x
Morte	x		
Pacifismo		x	
Sexualidade	x		x
Vegetalidade	x	x	x
Vegetarinismo	x	x	x
Violência	x	x	x

Fonte: Elaboração própria

3.2 Avaliação e persuasão: ler ou não ler a obra resenhada?

Com relação ao esquema narrativo canônico, as vídeo-resenhas apresentam um esquema com foco na avaliação do livro que está sendo resenhado e outro com foco na manipulação de um sujeito, que, no nível discursivo, pode ser figurativizado como "o leitor" (o enunciatário, na terminologia da semiótica). Em ambos, o papel actancial de destinador-julgador (que avalia o livro) e destinador-manipulador (que quer **fazer o leitor fazer** — ler ou não a obra — ou **crer** na sua avaliação), é ocupado pelo mesmo ator, que é figurativizado no nível discursivo como a *booktuber* em questão, Lubrano ou Feltrin. Logo, há duas situações acontecendo simultaneamente: enquanto as *booktubers* avaliam, sancionam o livro que leram, elas também tentam convencer o enunciatário que assiste às suas vídeo-resenhas.

Sanção é a fase em que um destinador-julgador avalia o fazer de um sujeito de acordo com um contrato estabelecido entre eles. Na sanção do livro, há uma divergência entre as duas resenhas, visto que, enquanto Lubrano (2019) apresenta uma sanção positiva e

considera que o livro cumpriu seu papel proposto (o de ser uma leitura interessante e instigante), Feltrin (2019) sanciona-o negativamente, considerando que ele não cumpriu o acordo estabelecido para ser considerado notável, como se pode observar nos seguintes trechos:

> Então, assim, não é um livro ruim, tá longe de ser um livro ruim. Mas também não é um livro maravilhoso, não. É um livro mediano. É um livro ok. Não vi nada demais, não vi motivo para *hype*. Como eu disse para vocês, essa desconstrução desse tipo, né, que é feita aqui nesse livro, das personagens femininas, não me interessa mais, mas enfim. (FELTRIN, 2019).

> Eu não vou contar naturalmente o que acontece, mas eu vou deixar aqui a minha entusiasmada recomendação. (LUBRANO, 2019).

Quanto à fase do convencimento do sujeito, o leitor, no nível discursivo, a semiótica estabelece, como vimos, quatro tipos de manipulação: tentação, intimidação, provocação e sedução. O destinador-manipulador propõe um contrato e tenta persuadir o destinatário a aceitá-lo. Se a manipulação for bem-sucedida, o sujeito realizará o percurso da ação, em que tentará alterar sua relação de junção com o objeto. Ademais, conforme Barros (2003, p. 31), "o fazer-persuasivo ou fazer-crer do destinador tem como contrapartida o fazer-interpretativo ou o crer do destinatário, de que decorre a aceitação ou a recusa do contrato". O que ocorre nas vídeo-resenhas é a tentativa de estabelecer um contrato com o leitor, fazendo com que ele deseje ler o livro do qual se fala ou não, o qual, por sua vez, também é objeto da sanção das *booktubers*.

Das quatro categorias de manipulação mencionadas, merece atenção, principalmente, a manipulação por tentação, já que, nessa categoria, o destinador-manipulador oferece ao destinatário valores positivos do objeto para fazê-lo desejar entrar em conjunção com ele. É isso que faz a *booktuber* com relação à obra, apresentando aspectos positivos desta, que possam despertar o interesse do leitor, levando ao estabelecimento de um contrato.

Assim, no caso da destinadora-manipuladora figurativizada como Lubrano, procura-se levar o destinatário-leitor a querer ler a obra resenhada, mas isso depende de o sujeito acreditar no que lhe é oferecido ou não, considerando-o verdadeiro, falso, secreto ou mentiroso, ou seja, depende de o leitor considerar a sugestão de leitura como algo que vale o seu esforço ou não. Como recompensa por fazer o que lhe é proposto, pode-se dizer que a *booktuber* oferece a experiência de uma leitura enriquecedora e instigante e a possibilidade de aumentar o repertório cultural.

Vale salientar que, embora Feltrin (2019) não tenha apreciado o livro, um dos seus objetivos enquanto *booktuber*, ao conversar com seus seguidores sobre ele, ainda é despertar a curiosidade sobre a obra de quem assiste à sua vídeo-resenha. Então, apesar da sanção negativa, ela oferece a possibilidade de se ler a obra resenhada, como pode ser observado na seguinte passagem:

> Pode ser que você tenha se interessado. Vai lá, fera! Para com esse negócio de "ai, não vou ler só porque a Tatiana não gostou". Se você tiver vontade de ler esse livro, leia e é isso aí. Certo? (FELTRIN, 2019).

Porém, a diferença é que a interpretação por parte do destinatário pode mudar, já que não são oferecidos apenas valores positivos, mas também negativos, diferentemente do que acontece na resenha de Lubrano (2019). Assim, há o predomínio de uma manipulação no sentido de não-fazer, já que ela não recomenda a leitura que não lhe agradou. Apesar de apresentar aspectos que podem ser considerados positivos por parte de quem a acompanha, também podem soar negativas frases como "não tem uma estrutura estética super trabalhada" e "não é um livro que você precise dedicar tanta energia". Assim, há uma tentativa de mostrar aspectos que pareçam positivos, mas que podem inclusive ser lidos, em uma chave irônica, como negativos, tais como os que aparecem em destaque nosso, no seguinte trecho da resenha:

> É um **livrinho** curto. Ele tem menos de 200 páginas. É um livro de **leitura bem rápida**, bem fluida, porque ele é escrito naquela **pegada de literatura contemporânea** mesmo. Então você **não tem aquela coisa da estrutura estética super trabalhada**. **Não é um livro que você precise, sei lá, dedicar tanta energia,** assim, para a leitura desse livro não, tá? (FELTRIN, 2019, grifo nosso).

Basicamente, a resenhista está dizendo que é um livro "fácil" e, talvez, não seja este o tipo de obra que o leitor de seu canal espere ou de que ela mesma goste. Com isso, a destinadora-manipuladora Feltrin (2019) oferece a possibilidade da quebra do contrato ao sujeito leitor, já que, ao contrário da *booktuber* Lubrano (2019), a manipulação na vídeo-resenha de Feltrin (2019) é no sentido de levar o leitor a não ler o livro. Porém, como é esperado que ela incentive a leitura enquanto *booktuber*, Feltrin (2019) oferece alguns aspectos "positivos" do objeto, dando ao leitor a possibilidade de leitura da obra, ou seja, de não aceitar a manipulação. A leitura do livro, no caso da resenha de Feltrin (2019), aparece como uma possibilidade de quebra de contrato, caso o convencimento a não ler não tenha ocorrido, já que o leitor pode ter se interessado por algum dos aspectos mencionados. Como lembra Barros (2005, p. 35), "a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles".

No nível discursivo, as *booktubers* vão assumir os papéis de enunciadores e vão procurar convencer os enunciatários, os leitores, da veracidade de seu discurso, utilizando meios para que a persuasão se efetive e meios para que o discurso seja aceito como verdade. A primeira estratégia perceptível na tentativa de convencer o enunciatário da veracidade do discurso é a explicitação de conteúdos (BARROS, 2003), o que toma grande importância no resumo da obra lida, já que é possível perceber diferenças de escolha entre as *booktubers*. Nesse sentido, enquanto Feltrin (2019) explicita detalhes das três partes do livro, Lubrano (2019) explicita apenas da primeira. Tal escolha tem

motivações: como Lubrano (2019) inicia o vídeo trazendo referências históricas de violências e explorações, busca-se ressaltar do livro os aspectos condizentes, em uma tentativa de manter a isotopia temática. Assim, a *booktuber* ressalta a violência que a protagonista do livro sofria por parte do pai e do marido, a violência da cena em que foi obrigada a ingerir carne à força e a violência presente nos pesadelos da protagonista. Ela propõe um recorte da obra que dialoga com a retomada histórica feita no início do vídeo, apesar de haver outras questões deixadas de fora.

A apresentação de referências literárias e históricas também é uma estratégia argumentativa muito importante, visto que não só permite ao leitor aprofundar-se culturalmente na obra literária, mas também deixa a impressão de que a *booktuber* tem conhecimento do que está resenhando. Assim, passa a imagem para o leitor de alguém que pesquisou sobre o assunto e está preocupado em não apresentar um argumento que desconsidere diferenças culturais e sociais. Isso dialoga com a imagem que a enunciadora Lubrano (2019) possui do enunciatário, já que o nome da série de vídeos é "Projeto Ásia". Dessa forma, as pessoas que vão assistir aos vídeos estão interessadas também em conhecer o contexto dos países onde os livros foram escritos, não só os livros em si.

É possível perceber também, nas falas da *booktuber* Feltrin (2019), o uso da figura de pensamento hipérbole. Por meio do emprego do exagero intencional, ela procura convencer o leitor do seu ponto de vista, justificando sua avaliação negativa do livro. As frases em negrito ilustram essa estratégia argumentativa. Elas não estão expressando algo literal, mas ilustram seu ponto de vista sobre o que ocorre no romance do qual se fala:

> Mas a gente tem nesses livros contemporâneos aí uma questão de você pegar a personagem feminina e **estraçalhar aquela personagem**. Então, assim, **você precisa ver as vísceras**, né? **A mulher tem que tá com a cara arrastada no asfalto**, entendeu? Então, assim, essa questão de você ter que **colocar a personagem feminina num liquidificador** para "*make your point*". Isso tem me cansado um pouco na literatura contemporânea. Para mim já deu. (FELTRIN, 2019).

Além disso, na descrição que Feltrin (2019) faz da segunda parte do livro, é possível perceber que aponta o exagero como algo que desqualifica a obra literária:

> E, assim, é aquela criação mirabolante, né, para você ter uma relação sexual, sensacional, dentro de uma história, que me lembra, por exemplo, o *Voragem*, do Junichiro Tanizaki. Então. Tem vídeo aqui no canal para esse livro também. E aí, minha gente, é aquilo, é um **despirocamento total**, é uma **situação absurda**, **irreal**, mas você tem o sexo partindo disso. Então, para quem já viu meu vídeo sobre "Voragem", vocês sabem também que eu não gostei nem um pouco daquele livro. **Eu acho tudo muito exagerado**. Eu não consigo comprar as histórias, entendeu? (FELTRIN, 2019).

Outra estratégia usada para desqualificar a obra resenhada é o que Feltrin (2019) chamou de "selo de qualidade Chimamanda", uma ironia construída para apontar que um livro é considerado bom apenas porque a pessoa que o escreveu tem alguma relação com a autora nigeriana amplamente premiada, por mais distante e mínima que seja essa conexão. Na realidade, o que se está dizendo é que esse "selo" não necessariamente traz qualidade, já que muitas vezes é uma estratégia de marketing usada para aumentar as vendas e a atenção para o livro:

> Tanto é que, assim, eu até procurei aqui o selo de qualidade Chimamanda, né? E não achei. Por quê? Porque esses dois livros que eu comentei com vocês, né, são de pessoas que estudaram com a Chimamanda ou pessoas que foram indicadas por ela. Até aí, tudo bem. Ser indicado é uma coisa. Agora, você dizer assim "não, essa autora aqui estudou com a Chimamanda". Eu ficava assim: "Tá, mas espera lá. Ela foi aluna da Chimamanda, ela estudou na mesma sala que a Chimamanda em algum momento.". Enfim, né? Estamos assim agora, né? Sabe? "Ah, saiu um livro aí de uma autora que, sei lá, frequenta a mesma academia que a Chimamanda ou faz compras no mesmo supermercado que ela". Sabe? E estamos assim. O *marketing* para essas histórias anda meio esquisito. (FELTRIN, 2019).

Em suma, no que diz respeito às semelhanças e diferenças entre as duas resenhas, em termos de organização do plano do conteúdo, ambas apresentam uma estrutura semelhante. No nível discursivo, é possível perceber dois esquemas narrativos paralelos: um esquema narrativo de avaliação do livro *A Vegetariana* (KANG, 2018) e um esquema narrativo de manipulação do sujeito leitor. Porém, o que muda é a forma como foi avaliada a obra e os meios de convencer o leitor, como procuramos demonstrar até o momento.

4 Considerações finais

Em primeiro lugar, constata-se que, mesmo o *booktube* sendo um meio importante de popularização da literatura na contemporaneidade, nem sempre as vídeo-resenhas procuram levar o leitor a ler o livro, já que, em uma das vídeo-resenhas analisadas neste trabalho, ocorreu justamente o contrário: a tentativa de convencer o leitor a não ler o livro resenhado. Dessa forma, pode-se afirmar que o *booktube* é, acima de tudo, um espaço voltado ao debate sobre literatura, no qual a opinião do resenhista é fundamental na construção da vídeo-resenha.

Além disso, verificaram-se diferenças entre os estilos de resenha entre as *booktubers*. Em termos semióticos, enquanto Feltrin (2019) foca mais nos esquemas narrativos da história, Lubrano (2019) foca nos temas (nível discursivo) e nos valores do nível fundamental. Além disso, Feltrin (2019) dá maior ênfase aos elementos da obra em si, ao passo que Lubrano (2019) chama mais atenção para aspectos extra-obra. Todavia, nenhuma das *booktubers* tenta buscar explicações para as escolhas da escritora, por exemplo, para as diferentes vozes narrativas e para como isso afeta a história; elas apenas constatam essas informações e se atêm mais ao resumo da narrativa.

Nesse sentido, quando a pauta é a formação de leitores, é possível afirmar que, nos vídeos analisados, as *booktubers* tendem a ir mais no sentido de convencer o leitor de seus pontos de vista sobre o livro *A Vegetariana* (no caso de Lubrano, de que se trata de uma obra interessante e, no caso de Feltrin, do contrário), do que trabalhar habilidades de leitura e os sentidos que emanam do texto. Vale lembrar que esse processo vai além de despertar o interesse de pessoas na literatura, pois envolve também o modo como vão relacionar-se com o texto escrito. Porém, isso diz respeito apenas aos dois vídeos analisados, e, talvez, análises de um *corpus* maior poderiam fazer chegar a conclusões diferentes. Ademais, há outras atividades desenvolvidas pelas *booktubers* que não foram analisadas neste trabalho e que estão ligadas ao estímulo à leitura. Pode-se citar atividades conhecidas como "clube do livro" e "leitura coletiva", as quais envolvem outras práticas de letramento literário.

É preciso ter cuidado com certos discursos que circulam sobre como o *booktube* contribui mais para a formação de leitores do que o ambiente escolar. Não se nega que, muitas vezes, esse pode ser o caso, mas é preciso lembrar que a maneira como é trabalhada a leitura nos dois ambientes é diferente. Na escola, há um currículo a se cumprir e as habilidades e competências definidas em documentos, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), precisam ser desenvolvidas, o que não é a prioridade do *booktube*, que está mais ligado à fruição da literatura, algo, por outro lado, muito importante quando se fala sobre o gosto pela leitura e que a obrigatoriedade de leitura nas escolas muitas vezes fragiliza. Vale lembrar, também, que nem sempre os *booktubers* contam com uma formação em Letras, e, apesar de Feltrin e Lubrano possuírem graduação em áreas próximas (Letras – Tradutora e Intérprete, Direito e Jornalismo), não apresentam a mesma formação que um docente advindo de uma licenciatura, principalmente se pensarmos em um que se especializou em ensinar literatura.

Assim, antes de suplantar a atuação escolar, o *booktube* soma às discussões sobre formação de leitores e ajuda a pensar em formas de tornar a leitura uma atividade prazerosa, além de divulgar títulos que, sozinhos, os leitores poderiam não conhecer. Vale lembrar que são ambientes distintos com práticas de letramento diversas, que dialogam e que podem se complementar e gerar discussões interessantes. No mais, são espaços que podem atuar conjuntamente na garantia do direito à literatura defendida por Candido (1995).

Agradecimentos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entre setembro de 2021 e agosto de 2022, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento de modalidade "Pesquisa SAE". Assim, agradecemos à Pró-Reitoria de pesquisa da Unicamp e ao Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) pela oportunidade.

Referências

ADAMS, C. J. *A política sexual da carne:* uma teoria crítica feminista vegetariana. Tradução Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2012.

BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. *In*: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística II:* princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto.* São Paulo: Ática, 2005.

BITTENCOURT, R. L. de F.; SANTOS, M. R. dos. Corpo em flamas: silêncio, ruptura e violência da palavra em *A vegetariana* (채식주의자/Chaesik-juija) de Han Kang. *Fragmentum*, [S. l.], n. 49, p. 141–157, 2017.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. *Vários Escritos.* São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSTA, M. R. da. *Booktubers:* experiências literárias e formação de comunidades de leitores. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2019.

FELTRIN, T. *A Vegetariana (Han Kang) | Tatiana Feltrin.* YouTube, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=RDTHFW4iiCY&t=156s. Acesso em: 15 nov. 2021.

FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2021.

FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique:* dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem.* São Paulo: Perspectiva, 2005.

JENKINS, H. *Cultura da convergência.* São Paulo: Aleph, 2009.

JOY, M. *Why we love dogs, eat pigs, and wear cows:* an introduction to carnism. Newburyport, MA: Red Wheel, 2020 [2010].

KANG, H. *A vegetariana.* São Paulo: Todavia, 2018.

LUBRANO, I. *A vegetariana, de Han Kan.* YouTube, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DGy5CUvu7Cg. Acesso em: 15 nov. 2021.

SARAIVA, J. O sujeito carnofalocêntrico em *A Vegetariana,* de Han Kang. *Travessias Interativas*, n. 12, p. 98-114, 2016.

SOUZA, R. C. *Booktube:* incentivo à leitura e protagonismo do leitor na internet. 2018. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

Como citar este trabalho:

HASHIMOTO, Giulia Yumi Tonhi; CELESTINO-DE-ALMEIDA, Dayane. O *booktube* no processo de formação de leitores: análise de duas vídeo-resenhas sobre o romance *a vegetariana*. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 204-228, jul. 2023. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index. Acesso em "dia/mês/ano". http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i1.17810.